



## MOVIMENTO LGBTT NO BRASIL

João Bosco Hora Góis<sup>1</sup>  
Kamila Cristina da Silva Teixeira<sup>2</sup>  
Jared Ian Smith<sup>3</sup>  
Leonardo Alexandre de Souza Fontainha<sup>4</sup>

**Resumo:** Neste trabalho apresentamos resultados de um estudo realizado junto ao Grupo Diversidade de Niterói (GDN). Especificamente, examinamos as suas condições de funcionamento, o perfil dos seus membros e da sua base de apoio, a sua relação com o Estado e com outros grupos do movimento LGBTT, assim como aspectos do seu ideário político (concepções de direito, diversidade, igualdade). Consideramos importante o exame de grupos específicos, pois, embora possamos falar de um movimento LGBTT de abrangência nacional, não podemos esquecer as particularidades que tal movimento assume nos diferentes contextos regionais. Por isso, o estudo também sublinhou aspectos diferenciais do GDN em relação a certos elementos operacionais e da agenda do conjunto dos grupos do movimento.

**Palavras-chave:** movimento LGBTT, Grupo Diversidade de Niterói, diversidade sexual

---

<sup>1</sup>Professor Associado da Universidade Federal Fluminense. Pesquisador 1C do CNPq. E-mail: jbhg@uol.com.br

<sup>2</sup>Doutoranda em Política Social pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: kamilateixeira27@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Aluno do curso de graduação em Relações Internacionais do Middlebury College. E-mail: jaredsmith28@gmail.com

<sup>4</sup> Aluno do curso de graduação em Serviço Social da Universidade Federal Fluminense. E-mail: leon.fontainha@hotmail.com

## Introdução

O movimento homossexual desponta no cenário nacional no final da década de 1970, quando tem início o processo de abertura política no Brasil, em meio à luta de diferentes grupos que se mobilizaram em torno de diversas reivindicações coletivas, as quais tinham como objetivo final tanto mudanças no regime político ditatorial vigente como mudanças em diferentes dimensões sócio-culturais. Dentre estes grupos, podemos destacar os pertencentes ao movimento feminista, ao movimento sindical e ao movimento negro.

Diante desse cenário de efervescência política, surgem o Grupo Somos - a primeira organização pelos direitos dos homossexuais do país - e o jornal *Lampião da Esquina*, que apresentou um importante trabalho ao denunciar o autoritarismo arraigado na sociedade e divulgar as ideias do nascente movimento homossexual (Green, 2000; Macrae, 1990)<sup>5</sup>.

O movimento passou a ganhar maior destaque no contexto nacional muito em função da participação dos grupos em eventos nas universidades e em mobilizações com o intuito de divulgar a causa homossexual e as situações de preconceito e da discriminação que incidiam sobre a população LGBT. No entanto, divergências políticas em seu interior se tornaram patentes, contribuindo para a sua fragmentação e a emergência de novos grupos.

Na década de 1980, diante da epidemia de aids, o movimento vivenciou um processo de reorganização e rearticulação, buscando novos caminhos para o combate à doença. Se por um lado a aids criou um cenário de preconceito e estigmatização, por outro contribuiu igualmente para fortalecer os laços de solidariedade e maior visibilidade para a questão homossexual no Brasil.

No período em tela, embora quase que totalmente envolvidos em ações de combate à aids, alguns grupos não abandonaram outras bandeiras de luta tais como a campanha pela mudança do código de classificação de doenças que descrevia a homossexualidade como desvio ou transtorno mental; e a mudança do Código de Ética dos jornalistas, com a proposta de enfrentar o preconceito contra a população gay na imprensa (Green, 2000).

---

<sup>5</sup> Segundo Green, “as notícias do surgimento do movimento de libertação *gay* em 1969, após a rebelião de *Stonewall* em Nova York, chegaram à América Latina no começo da década de 1970, e incentivaram a formação de grupos no México, Porto Rico e na Argentina. Contudo, a repressão do regime militar no Brasil impossibilitou a formação do movimento gay e lésbico naquele momento” (2000, p. 281).

Na década de 1990, assistimos a reconfiguração e maior visibilidade do movimento na arena pública. Neste momento, ele assume um formato organizacional baseado no modelo de organização não governamental (ONG). A partir desse modelo o movimento se expandiu de forma significativa, passando a lutar pelos direitos da população LGBTTT em diversas áreas, como saúde, educação, assistência, cultura, defesa jurídica e participação política.

Desde então se tem observado a produção de uma multiplicidade de ações notadamente voltadas para a esfera do reconhecimento das suas especificidades como um grupo vulnerável, assim como voltadas para a demanda por igualdade de direitos sociais e civis. Essas demandas têm sido encaminhadas com graus variados de sucesso. Assim, de um lado assistimos a importantes avanços no campo do direito previdenciário e do direito de família. Mas, de outro, ainda persiste a ausência de formas de proteção à, por exemplo, candente violência nas suas diferentes expressões (física, psicológica, patrimonial etc.) e espaços (trabalho, escola, grupos religiosos, famílias etc.) cotidiana que afeta gays, lésbicas e transgêneros, o que os impedem de participar de forma igualitária das diversas esferas da vida social. Como demonstram diferentes estudos, essa realidade é ainda mais cruel para as travestis (Carrara et cols., 2006; Peres, 2009; Santos et al, 2008). Em função do contexto retratado, a luta do movimento também consiste em alterar a Constituição Federal de 1988, incluindo a expressão orientação sexual como um dos aspectos proibitivos da discriminação.

Em um contexto marcado por tantos problemas e dada a amplitude do território nacional, não surpreende o crescente – ainda que flutuante – número de grupos do movimento LGBTTT. Um balanço exaustivo da configuração dos grupos que constituem os movimentos que lidam com a defesa da diversidade humana ultrapassa o escopo desse trabalho. Para fins da nossa argumentação é suficiente dizer que trata-se de um conjunto que varia bastante no que diz respeito aos seus objetivos institucionais e público alvo, ao conjunto das demandas que apresenta, ao volume de recursos humanos e financeiros que dispõe etc. Esses grupos são também diferentes no que toca ao momento do seu aparecimento na arena pública nacional. Ademais, trata-se de um número muito grande e bastante dispersas regionalmente. Tal grau de diversificação não impede que se fale de ‘um’ movimento LGBTTT uma vez que a diversificação em questão não cria um universo de organizações nem de movimentos tão autônomos cujas histórias não possuam muitos pontos de contato. Mas, ao mesmo tempo, requer que façamos um investimento cada vez maior no exame das particularidades que grupos ou

clusters de grupos podem apresentar. Isso implica na realização de análises mais sofisticadas que possam examinar as relações entre diferentes variáveis institucionais e desempenho (adesão a um campo analítico e práticas) de modo a qualificar melhor o fato já sabido de que esse amplo conjunto é bastante diverso.

Assim, nesse trabalho, examinamos um desses grupos - o Grupo Diversidade Niterói - objetivando contribuir para um melhor entendimento das características e configuração do movimento LGBTT brasileiro. Esse exame é feito a partir das seguintes dimensões: contexto de formação; perfil dos usuários; atividades desenvolvidas; relação com outros atores; financiamento; processo decisório; percepção sobre os problemas sociais; e percepção sobre os conceitos de igualdade e diferença.

A escolha das dimensões de análise foi feita considerando a importância que os próprios membros do grupo colocam e a relevância do efeito desses aspectos no movimento LGBTT ou na organização do próprio grupo. Embora os eixos se apliquem especificamente ao GDN, são categorias de análise que também poderiam ser utilizadas para analisar outras organizações da sociedade civil.

No trato metodológico foi realizado um estudo de caso de cunho qualitativo, sustentado em três procedimentos, a saber: revisão bibliográfica; análise documental onde as fontes utilizadas (panfletos, cartazes, fotos e projetos) foram coletadas no sítio do grupo na internet e em sua sede no município de Niterói/RJ; e entrevistas semi-estruturadas, realizadas com três membros do grupo que fazem parte da sua direção. Com vistas a manter suas identidades resguardadas preferimos identificá-los como Entrevistado I, Entrevistado II e Entrevistado III.

### **Grupo Diversidade Niterói**

O Grupo Diversidade de Niterói (GDN), fundado em 24 de Janeiro de 2004, nasceu nas discussões do grupo Cidadania Gay da Universidade Federal Fluminense (UFF) sobre o movimento LGBTT. Inicialmente, o grupo Cidadania Gay era formado por 11 estudantes do ensino superior, sendo o primeiro grupo gay de Niterói.

A proposta de criação do GDN surgiu a partir das Paradas do Orgulho LGBTT de São Paulo e do Rio de Janeiro, onde se constatou que existia uma grande participação de moradores de Niterói, embora, o movimento na cidade, no que se refere à luta política e a questões de entretenimento mais específico para a comunidade, necessitava ser expandido e incentivado.

Foram realizados contatos com grupos maiores, como o Grupo Arco-Íris (GAI). Além disso, os integrantes do grupo passaram a participar de eventos organizados pela comunidade LGBTT e dos debates sobre a união civil realizados pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ). Assim, o GDN foi ganhando maior visibilidade e adquirindo espaço no interior do movimento. Esta situação contribuiu para que fossem iniciados os processos legais de fundação.

Na tentativa de garantir uma melhor capacitação, os organizadores do grupo participaram do Curso Somos, oferecido pelo Ministério da Saúde que versava sobre a prevenção de DST/AIDS, e do II Encontro Fluminense de Profissionais do Sexo, buscando conhecer mais sobre o universo da prostituição e do preconceito que incide sobre as/os profissionais que atuam neste campo (michês, travestis e mulheres).

Além de intervir junto à população das cidades de São Gonçalo, Maricá, Itaboraí e Rio de Janeiro, o GDN fundou um núcleo em Brasília, onde também passou a atuar.

O Entrevistado I destacou que as principais bandeiras de luta do Grupo levantadas no momento de sua fundação eram: o combate à violência no âmbito familiar; a criminalização da homofobia; e o combate à aids.

O lema do grupo é: “A nossa luta é uma só: a luta contra o preconceito!”. Isto porque o grupo tem por finalidade a valorização da diversidade e está engajado na luta contra os diversos tipos de preconceito e pela garantia dos direitos de diferentes grupos, como mulheres, gays, travestis, lésbicas, bissexuais, profissionais do sexo, transgêneros e outras pessoas que sejam discriminadas por sua orientação sexual ou pela forma como decide ou pode viver sua sexualidade.

Nesse sentido, o GDN tem como objetivo construir um grupo que repudia todas as formas de discriminação, convidando tanto as pessoas da comunidade LGBTT como os heterossexuais para participar desta luta. Assim, o grupo busca combater a setorização do movimento LGBTT no Brasil que, segundo ele, contribui cada vez mais para a criação de guetos e para a fragmentação da luta.

### **Atividades Desenvolvidas**

Atualmente, o GDN conjuga uma série de atividades em diferentes frentes, tais como conscientização, acolhimento, prevenção e divulgação da cultura LGBTT. Vale destacar que no momento de sua fundação, o modelo de atividade adotado foi o grupo de convivência, seguindo uma tendência do movimento. Segundo o Entrevistado I, esta atividade era importante porque naquele espaço as pessoas eram acolhidas e podiam

discutir mais sobre a homossexualidade e suas experiências. O grupo de convivência permanece no seu quadro de atividades. No entanto, está suspenso pela ausência de público.

Outra atividade desenvolvida pela organização é a prevenção e conscientização em relação à aids. Mensalmente, o GDN participa das reuniões em conjunto com outras instituições para definir planos e estratégias com vistas a melhorar o atendimento de homossexuais, principalmente travestis, nos hospitais. Ademais, desenvolve um trabalho de conscientização e distribuição de preservativos nas ruas junto aos jovens e as profissionais do sexo, tanto as travestis quanto as mulheres, divulgando as formas de contágio da doença e a necessidade de usar o preservativo para prevenir a infecção. Cabe ressaltar a fala do Entrevistado I para justificar a importância desta ação junto à população jovem. Segundo ele, “(...) muitos jovens dizem que hoje não precisam de camisinha porque tem o coquetel. Então, nosso trabalho não é só distribuir o preservativo, é conscientizar realmente sobre necessidade de usá-lo (...)”.

Os entrevistados destacam que, embora venham trabalhando com iniciativas de conscientização e prevenção, as atividades mais importantes do GDN concentram-se no campo da cultura. Tais atividades têm a finalidade de divulgar e criar maior visibilidade em torno da cultura LGBTT. As principais ações desenvolvidas são:

- Parada do Orgulho LGBT de Niterói.
- Diversidade Cine – mostra de filmes da temática LGBT e debate sobre os temas abordados.
- Oficina de Teatro – com o objetivo de resgatar a cultura e a arte, fazendo trabalho de expressão corporal, postura, atuação e improviso.
- Oficina de vídeo – demonstração de técnicas de filmagem, enquadramentos, formatação e edição de vídeos.
- Oficinas de DJ – com a proposta de ensinar aos alunos técnicas de DJ, mixagem, efeitos musicais, composição de set’s e produção musical.
- Aulas de dança – com vistas a promover o trabalho corporal.
- Feijoada da diversidade – com a proposta de promover a aproximação dos membros e amigos do GDN e angariar fundos para a sua manutenção.
- Varal do humor – na tentativa de buscar novos talentos do humor em Niterói.
- Rodas de bate-papo – espaço para discussões sobre as questões relativas à comunidade LGBT.

## **Perfil dos Usuários**

No momento de sua fundação o GDN era formado basicamente por jovens universitários e de classe média. No decorrer dos anos, esse perfil foi se diversificando, apesar de continuar majoritariamente jovem. Adolescentes, adultos e pessoas da terceira idade, independente de classe social e orientação sexual, também passaram a frequentar o grupo. Conforme mencionado nas entrevistas, também buscam o GDN jovens usuários de drogas e profissionais do sexo. Ademais, pessoas de outros municípios e outros estados eventualmente procuram o grupo.

## **Relação com outros atores**

O grupo interage com três principais tipos de entidades: acadêmicas, governamentais e da sociedade civil. A primeira relação inclui um envolvimento nas escolas e uma parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF).

Com um pouco de dificuldade, o GDN tenta se inserir nas escolas para dar palestras e disseminar informações sobre preconceito e a comunidade LGBTT. A parceria com a UFF, por sua vez, se manifesta na recepção de espaços para eventos, atividades que combinam os estudantes e os usuários do GDN, como por exemplo, estágio acadêmico em diferentes áreas do conhecimento e a pesquisa empreendida anualmente pelos universitários na Parada Gay.

Já a relação com as entidades governamentais é organizada principalmente em torno do financiamento e dos processos burocráticos. Embora o governo municipal tenha historicamente resistido a alguns dos esforços do grupo, o governo estadual e nacional os apóiam.

Outra relação muito intensa é com as organizações da sociedade civil. Através da participação em eventos, como as assembleias da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), o GDN pode se envolver no movimento maior enquanto troca de ideias com outros grupos regionais. A relação com outras ONGs integrantes do movimento, como o Grupo Arco-Íris, possibilitou a fundação do GDN, assim como o GDN facilitou o nascimento do Grupo Unidos – União Niteroiense de Defesa da Livre Orientação Sexual. Além disso, é importante salientar que o GDN estabelece também parcerias com outras entidades da sociedade civil que não fazem parte do movimento LGBTT, como o CAPA – Centro de Apoio às Pessoas com Aids.

## **Processo Decisório**

O GDN é formado por um contingente de voluntários e uma diretoria composta por vários cargos relacionados às atividades que o grupo desenvolve. A diretoria toma decisões oficiais por meio de reuniões periódicas, em que a discussão geralmente conduz ao voto.

A estrutura das reuniões é teoricamente uma democracia representativa, ou seja, existe um conjunto de figuras eleitas que se encarregam da governança do grupo. Em prática, no entanto, a gestão do GDN assume uma forma mais próxima à democracia participativa. Os entrevistados apontam que qualquer membro (colaborador) do grupo interessado em participar das reuniões é convidado a participar, e tem direito a voz e voto. Assim, os diretores rejeitam a ideia de uma hierarquia e abraçam uma posição de abertura com respeito às decisões do grupo, mas também expressam uma preferência para o envolvimento de voluntários mais ativos, ao invés de voluntários menos ativos, nas reuniões.

Outra questão que influencia nas decisões do grupo são as demandas expostas pela população atendida pelo GDN. Tal influência se manifesta de várias maneiras sutis e, obviamente, não contratuais, mas mesmo assim são essenciais para a continuação de certas atividades e a formação de novas iniciativas. Um exemplo da reação do grupo à demanda dos usuários foi a decisão de trocar a oficina de literatura designada no contrato da Secretaria de Cultura de Niterói por uma oficina de DJ, em função da grande procura.

## **Financiamento**

Os projetos desenvolvidos pelo GDN são financiados por editais divulgados pelo governo e a verba recebida é direcionada para a compra de material utilizado nas oficinas e para o pagamento dos profissionais responsáveis por ministrá-las. Esta verba, portanto, não pode ser empregada com nada além do que foi previamente estabelecido no contrato.

Os outros gastos da organização, ou seja, a sua sustentabilidade é mantida por meio de doações realizadas pelos seus membros e simpatizantes. Segundo o Entrevistado II, o grupo criou um clube com uma mensalidade no valor de R\$ 10,00 para ajudar nas despesas com água, luz, internet, telefone e aluguel.



## **Percepção sobre os Problemas Sociais Enfrentados pela População LGBTT**

Segundo o Entrevistado I, a discriminação no campo do trabalho e da educação pode ser considerada como um dos principais problemas sociais que afetam as travestis e os gays com comportamentos de gênero mais associados ao campo feminino. Esta afirmação se torna patente em suas palavras:

“(...) quando o gay mantém as aparências ele consegue emprego com facilidade, ele vai à faculdade, ele estuda. Agora para a travesti ainda é muito complicado, um gay mais afeminado então. Eles têm que se impor muito realmente para conseguir superar (...)”.

Para ele na sociedade ainda predomina muita resistência e preconceito, impedindo a inserção e permanência destes segmentos no mercado de trabalho e nas escolas e universidades.

O Entrevistado I também define a violência como outro problema social vivenciado pela população LGBTT e aponta a importância da aprovação da PL 122 para a realização de mudanças neste cenário. Ele ressalta que a violência ainda incide sobre a comunidade gay e que as agressões existem muito em função da falta de denúncia, pois as vítimas não denunciam por medo e por vergonha. No entanto, destaca que percebe uma redução nessa ação devido ao aumento das discussões concernentes à garantia dos direitos da comunidade que vem ocorrendo na sociedade nos últimos anos. Na sua visão, atualmente, os homossexuais não precisam mais ficar restritos em guetos e se sentem livres para frequentar outros espaços sem correr o risco de sofrer algum tipo de violência mais grave.

Já o Entrevistado II concentra sua percepção sobre os problemas sociais que afetam a população LGBT a partir do conceito mais amplo de homofobia. Ele aponta os avanços sobre o enfrentamento deste problema, como a atuação das delegacias de Niterói que já estão aceitando fazer registros específicos nos casos de homofobia. Além disso, avalia que as iniciativas de combate à homofobia estão avançando em nível nacional, embora com algumas dificuldades, muito em função das políticas públicas voltadas para esse segmento.

O Entrevistado III focaliza sua percepção igualmente na questão da homofobia. No entanto, apresenta uma visão diferente do Entrevistado II quando considera que esta questão está também vinculada ao próprio comportamento da população gay. Nas suas palavras:

“(...) Nós gays também reclamamos muito, de homofobia, homofobia e homofobia. Mas, a gente também apronta muita coisa. A gente, às vezes, é muito promiscuo, não que não possa ser promiscuo, mas, tem lugares e lugares pra fazer. Numa parada gay, que a gente vai lá lutar pelos direitos, para mostrar nossa cara, para

buscar o respeito das pessoas e a valorização gay, pelo que a gente é de tanta coisa que fala mal da gente, você vê as pessoas aprontando horrores na parada, no meio da praia, você vê gente transando, chupando um ao outro. Intimidade tem que ser feita dentro de um quarto, se todo mundo gostar de fazer na praia, se fosse uma coisa normal da nossa cultura transar na praça pública, ai tudo bem, mas não é (...)

Por outro lado, sinaliza que o preconceito e a homofobia, que ainda se perpetuam na sociedade brasileira, geram situações de agressividade quando os indivíduos que se enquadram nos padrões dominantes se deparam com a diferença.

### **Percepções sobre Igualdade e Diferença**

Uma das bandeiras históricas do movimento LGBTTT é a do respeito à diferença. No grupo estudado essa questão é debatida vis-à-vis a ideia de igualdade.

Para o Entrevistado III,

“(...) A gente sempre fica falando que é diferente, mas ninguém é diferente de ninguém. Então acaba que a própria palavra diferença e igualdade acabam criando uma disputa mesmo, uma briga entre as pessoas heterossexuais e homossexuais, gays e lésbicas porque eles querem sempre achar algo de diferente que não tem. Todo mundo é ser humano, todo mundo é igual, todo mundo trabalha, todo mundo ama, todo mundo transa”.

Sobre o conceito de diferença o mesmo entrevistado afirma que

“(...) E quando diz respeito à diferença, não é a diferença, mas igualar você gay a uma pessoa heterossexual também. Entendeu? Até porque o que a gente mais briga aqui é para as pessoas não ficarem muito com essa coisa de estereótipo de ser homem ou mulher, só porque tem pênis ou vagina, não é isso, é mais sentimento mesmo. Eu acho que vamos conseguir acabar com toda essa diferença, igualdade, com esse paradigma de ser igual ou diferente, onde só preservar uma coisa, o amor que as pessoas sentem uma pela outra”.

O tema gera polêmica entre os militantes LGBTTT. Porém, o GDN considera que parte significativa dos grupos LGBTTT têm unido forças para trabalhar à luz da primazia da noção de ‘igualdade de direitos’, tornando a ‘diferença’ em um conceito auxiliar. Nas palavras do Entrevistado I se torna patente esta questão.

“(...) A gente está conseguindo, e a gente não é só o GDN não, o movimento está conseguindo agregar todos os segmentos. O que a gente chama de sopa de letrinhas porque são tantos segmentos e eles estão conseguindo respeitar um ao outro. A diferença só enfraquece o movimento!”.

### **Comentário Final**

O estudo do GDN perfaz um esforço de entender as particularidades do movimento LGBTTT no Brasil. Certamente tal movimento, em grande medida por razões de ordem estratégica, precisa se apresentar com um grau significativo de homogeneidade e consenso. Esse processo, imprescindível para uma advocacy mais

efetiva, pode, simultaneamente, ter ao menos dois ‘efeitos colaterais’ adversos. O primeiro deles é colapsar histórias distintas, escondendo matizes e diferenças dos mais diversos tipos. Já o segundo, é silenciar vozes. Isso porque, o movimento LGBTTT pode ser considerado como um ‘campo’ na acepção que esse termo assume no pensamento de Pierre Bourdieu (1992). Como todo campo, o movimento pode estar criando hierarquias internas nas quais muitos atuam, poucos falam e somente alguns são reconhecidos. Tal possibilidade, talvez, seja uma razão forte o suficiente para que se invista mais no estudo dos grupos do movimento LGBTTT.

### **Referências:**

BOURDIEU, Pierre. *Language and Symbolic Power*. Cambridge: Havard University Press, 1992.

CARRARA, Sérgio. *Políticas, direitos, violência e homossexualidade*. Pesquisa 9 Parada do Orgulho GLBT - São Paulo, 2005. Rio de Janeiro: CEPSC, 2006.

GREEN, James Naylor. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu* (15), 2000, pp.271-295.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da Abertura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PERES, William Siqueira. Cenas de Exclusões Anunciadas: travestis, transexuais transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.) *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009:235-264.

SANTOS, Claudiene et al. Diversidade sexual na escola e homofobia: a capacitação de professores como estratégia de conscientização. In: *Fazendo Gênero – Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, 2008.